

2009/19

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14068
Data 14 / 09 / 2009
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014068

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LIDIANA DE SOUZA PAULA

A configuração do espaço e das personagens no conto
“Os mastros do Paralém”, de Mía Couto.

821(6)
P324C
25.01

PONTES E LACERDA / MT

2009/01

LIDIANA DE SOUZA PAULA

A configuração do espaço e das personagens no conto
“Os mastros do Paralém”, de Mia Couto.

Monografia de conclusão do Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marinei Almeida

Pontes e Lacerda-MT

2009 / 1

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profa Dra Marinei Almeida

Membro da Banca: Profa Dra Vera Lúcia da Rocha Maquêa

Membro da Banca: Prof.º MS. José Pereira Neto

UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT, 29 de junho de 2009.

Dedico este trabalho ao meu pai Antonio de Paula, para esta pessoa que dispensa palavras, pois é um ser maravilhoso, e a minha mãe Geralda Candida de Souza Paula, meus irmãos que são muitos, mas todos maravilhosos e que têm me ajudado e apoiado sempre, a Luis Eduardo que, com seu sorriso de criança, me fez refletir que a vida nos impulsiona a seguir em frente, a Deus por ter me guiado no decorrer do curso.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO a Deus por tudo que tem feito por mim, pois nos momentos mais difíceis da minha caminhada tem colocado pessoas maravilhosas no meu caminho, possibilitando assim chegar até aqui.

Aos meus familiares que acreditaram na minha idealização e por ter me compreendido quando, por causa da minha caminhada, não podia estar com eles.

À professora Marinei, minha orientadora, que muita paciência tem tido comigo nas diversas conversas que tivemos ao longo do trabalho, as quais foram importantes para a realização deste sonho.

À Margarete March e a sua família, pois são pessoas que sempre têm me ajudado em tudo.

Aos meus colegas que sempre nos momentos complicados com uma boa conversa tem amenizado a situação difícil. Assim, foi em uma dessas conversas, nos encontros da vida, que a Waldenize me convenceu a não desistir do meu trabalho monográfico, pois estava desanimada e queria desistir antes mesmo de começar.

À Ivonice Isidio da Silva de Andrade e Juliana Bento de Jesus, Silvia Cristina Comim, estas que tem sido minhas companheiras e amigas todo esse tempo, essa amizade que foi se fortalecendo ao longo do percurso e que me ajudou muito.

À professora Walmira que contribuiu muito para minha formação.

À minha amiga Genilda que sempre tem me ajudado a manejar e seguir em frente.

Às minhas colegas de trabalho do PSF São José, especialmente à Aparecida Rodrigues Coelho, pois no tempo que mais precisei estava ali para me fazer sorrir mesmo sem eu querer.

À Geovana, Andréia que são pessoas maravilhosas e que sempre estão presentes na minha vida.

À Maria Florenita do Carmo que me proporcionou refletir sobre as pequenas coisas da vida.

A todos aqueles que foram importantes nesta caminhada e contribuíram de alguma forma para que eu pudesse chegar até aqui e pudesse comemorar mais esta vitória.

Só um mundo novo nós queremos: o que
tenha tudo de novo e nada de mundo.

Mia Couto

SUMÁRIO

Resumo.....	9
Apresentação.....	10

Capítulo I

1. Mia couto: escritor moçambicano.....	12
---	----

Capítulo II

1. Concepções do narrador em “Os mastros do Paralém”	17
2. A configuração das personagens no conto “Os Mastros do Paralém”	21

Capítulo III

1. O espaço no conto “Os Mastros do Paralém”, a busca da transcendência.	28
---	----

Considerações finais.....	35
----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas.....	37
--	-----------

Obras Consultadas.....	39
-------------------------------	-----------

Anexo.....	40
-------------------	-----------

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo percorrer um caminho de leitura pelo viés da Literatura Africana na ânsia de compreender a configuração das personagens e espaço no conto “Os Mastros do Paralém”, do moçambicano Mia Couto, publicado no livro *Cada homem é uma raça* (1990). Assim, nosso objetivo é analisar como as personagens de Mia Couto são construídas no referido conto, bem como a configuração das mesmas na narrativa, observando que tal narração está entrelaçada por meio da memória do narrador. Levando em consideração, ainda, que memória é uma forma que possibilita reinventar o passado, constitui o presente e permite sonhar com um futuro melhor. Assim, neste percurso lançaremos mão de alguns teóricos como: Antônio Dimas e Francisco Noa para a análise do espaço e a partir das considerações de Antonio Candido analisaremos as personagens, buscando compreender como elas se configuram no referido conto. Tomaremos também como apoio alguns textos críticos de Mia Couto inseridos na obra *Pensatempos* (2005). Assim, nesta proposta, procuraremos compreender o espaço que comparece na narrativa como um não lugar, sobretudo a busca ou o desejo das personagens de alçarem vôos ao encontro do desconhecido, ao encontro do “Paralém”.

PALAVRAS CHAVES: Literatura Africana, Mia Couto, personagem, espaço.

APRESENTAÇÃO

A escolha do estudo da Literatura Africana de Língua Portuguesa se dá, sobretudo, pela curiosidade em saber como a mesma se configura e se impõe no mundo literário e artístico atual. O contato com essa escrita especificamente da literatura moçambicana, da qual escolhemos, para este trabalho monográfico, um dos maiores escritores da contemporaneidade em Moçambique, Mia Couto, possibilita estreitar, ainda mais, o diálogo, pois coloquei antes entre Brasil e África e nos leva a refletir em uma maneira de inserir essa produção nas nossas práticas de leituras, a fim de compreender essa cultura tão rica de misturas.

Outro ponto a se considerar trata-se da lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, a qual estabelece a obrigatoriedade do estudo sobre história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino médio, dessa maneira a escolha, portanto, da literatura africana neste trabalho é de suma relevância para a formação de nós, futuros professores, pois assim podemos conhecer melhor essa literatura e possibilitar aos nossos futuros alunos o conhecimento sobre esse fazer literário e essa cultura como uma maneira de mediação e cultura entre esses países que comungam de uma mesma língua.

O trabalho está sendo proposto para fazer um caminho pelo viés da literatura africana, na qual será discutida, a configuração das personagens no conto de Mia Couto. Para isso tomaremos como corpus literário o conto “OS mastros do Paralém” do moçambicano Mia Couto do livro *Cada homem é uma raça* (1998).

Diante dessas considerações, apresentaremos no primeiro capítulo deste trabalho alguns dados sobre a escrita de Mia Couto, observando que ao mesmo tempo em que o escritor resgata, de maneira criativa e inventiva, a cultura de seu país, mantém um diálogo com a modernidade. Esses aspectos se dão pelo uso da oralidade, pelos anseios e desejos, o sonho de uma vida melhor, a ânsia de ver a construção de cada pessoa que, em conjunto, mudaria o curso das coisas, elementos estes costurados na escrita de Mia Couto. Diríamos que a literatura desse escritor funciona como um espaço de materialização desses sonhos, de liberdade e desse olhar para o futuro, para a construção de um mundo melhor.

No segundo capítulo apresentamos uma análise do corpus escolhido. A partir das considerações de Antonio Candido analisaremos mais de perto as personagens do conto “Os mastros do Paralém”, de Mia Couto. No referido conto temos como personagem

Constante Bene e seus filhos Chiquinha e João Respectivo, Tavares, o proprietário das terras, um Mulato que passa a viver na montanha e Laura a mulher do lenhador. Assim, o conto de Mia Couto, "Os mastros do Paralém", será analisado na sua estrutura como o foco narrativo, como também os elementos usados pelo narrador na narrativa contada no conto, a partir disso buscaremos entender de qual perspectiva o narrador nos conta a estória.

No terceiro capítulo discutiremos as metáforas que se apresentam no conto, as quais nos levam a intuir ser o "Paralém" um lugar utópico, pois fica além da montanha. Bene, personagem central, pensa ser um lugar onde os colonizadores nunca estiveram, um lugar que só poderia trazer felicidade, isso acontece também porque naquele espaço de submissão em que Bene e sua família vivia, elas passam a sonhar e acreditar que a liberdade tão sonhada se concretizaria, uma vez que pudesse acontecer a transcendência da família que, até então vivia na encosta do monte.

No último capítulo faremos as considerações finais da leitura, seguem ainda as bibliografias utilizadas como referência e apoio na pesquisa, segue em anexo também o conto de Mia Couto, objetivando oportunizar o encontro do futuro leitor com uma "gotinha" da escrita desse escritor moçambicano.

CAPÍTULO I

1. MIA COUTO: ESCRITOR MOÇAMBICANO

O escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. (...) Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade.

Mia Couto

A literatura Africana de Língua Portuguesa vem alcançando vãos cada vez mais longe, pois esta não mais se traduz apenas como “porta-voz” das lutas pela independência ou outras questões mais locais, mas como uma nova maneira de ver e construir “mundos”, segundo Francisco Noa¹. Especificamente em Moçambique, temos o escritor Mia Couto que incluindo sua obra *Cada Homem é uma raça*², vem publicando diversos livros que buscam retratar de maneira criativa e inventiva a memória de Moçambique. Segundo o autor, sua obra “é um bocadinho daquilo que se pode perder, não porque seja frágil, mas porque é desvalorizado num mundo de trocas culturais que se processam de formas desiguais”³.

Mia Couto já publicou poesias, além de contos e romances, nos quais trabalha de forma intensamente para resgatar o que “pode vir a ficar perdido no tempo”, acrescentando em suas escritas doses de tradição e modernidade, as quais caminham juntas sem deixar de lado a memória.

Assim, o escritor se configura como um tradutor de silêncios, através da poesia em seus escritos, daquilo que ainda não foi dito por uma nação que ainda procura sua cidadania. A respeito da língua usada para escrever suas obras, diz usar sim a língua do colonizador, pois o que interessa é misturar, para então separar as influências externas, um processo meio que antropofágico, para reportarmo-nos ao Oswald de Andrade.

¹ NOA, Francisco. “Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana”. In: *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2006.

² COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

³ MAQUÊA, Vera. “Entrevista com Mia Couto”. In: *Revista Via Atlântica*/ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - nº 8, 2005, São Paulo: Departamento, 2005, p.2008.

Dessa maneira, segundo o escritor moçambicano para se expressar esses encontros e desencontros, entre os valores culturais, não se pode pedir licença à outra língua.

Assim, podemos inferir que a partir dessa literatura pós-colonial é que “a hibridação surge como a recriação sintática e lexical e através das recombinações linguísticas, proveniente, por vezes, mas nem sempre, de mais que uma a língua”⁴.

O escritor afirma que a identidade moçambicana é algo que ninguém sabe exatamente definir, pois se devem considerar até mesmo as diferenças dentro do próprio país, pois entre o meio urbano e o rural, este se configura de maneira diferente é como se estivesse entrando em outro universo, algo místico. Esse entrosamento da oralidade e escrita na literatura de Mía Couto caminha com as duas pernas, um pé na tradição e o outro na modernidade. Assim, a chamada identidade moçambicana nasce desses entrosamentos de trocas e destrocas de culturas, frutos da miscigenação, sobretudo pelas marcas que um país colonizado carrega e carregará para sempre

Mía Couto afirma que suas obras têm influências de escritores como Guimarães Rosa e Luandino, um escritor angolano, aponta os mesmos como seus mestres, expõe também não ter medo da palavra influência, pois salienta que suas literaturas são distintas, cada uma representa uma alma. Discute, ainda, que a oralidade e a escrita entra em diálogo nas obras dos escritores mencionados. Essa oralidade é uma espécie de pátria da qual nunca fomos expulsos, pondera Mía Couto.

Dessa forma, suas obras não deixam de retratar essas diferenças sociais e culturais, nelas estão presentes também a esperança que unida pelo sonho, o qual deixa lastro fundo em sua ficção, preconiza um futuro melhor, talvez por isso, representam ainda fatos do cotidiano que atiram o leitor para uma reflexão mais abrangente, além da superfície da escrita.

Mía Couto começa suas publicações com poemas. O livro de poemas *Raiz de Orvalho* (1983) já demonstrava que a sua escrita era diferente, logo se firmando como uma nova perspectiva, não mais pela luta da independência, tendo em vista que este anseio já havia sido conquistado. Assim, nesse fazer poético percebemos essas diferenças, comparadas às várias obras produzidas na época colonial, estas que tinham na sua matéria a luta pela libertação de Moçambique, não que esse tema deixe de se configurar nesta ou em outras obras de Mía Couto, até porque *Raiz de Orvalho* foi

⁴ LEITE, Ana Mafada. *Literaturas Africanas e Formulações Pós – Coloniais*. Ed. Colibri: Lisboa, 2003, p.21.

publicado oito anos após a independência. Assim, nesse livro segundo os estudos da Maquêa, o escritor:

Desembaraça uma constatação ambígua sobre arriscar vôos, com imagens de pássaro e mar, fortes referências a um vôo e profundamente ensaiados, numa concepção moderna de fazer poético.⁵

Quando fazemos a leitura de seu livro *Cada Homem é uma Raça*, percebemos essas imagens, fortemente tecidas através da linguagem. As personagens, do conto “Os Mastros do Paralém”, por exemplo, vêem a possibilidade de mudança, isto nos é intuído pelas várias metáforas que encontramos, seja a montanha como elevação, seja o sol que nos arde os olhos, pois de acordo com a escrita contemporânea de Mia Couto, vemos essa representação, essa busca para o que está além, como pode se observar na metáfora do mito de Ícaro e Dédalus que inconformados no espaço do labirinto em que eles se encontravam, lançam seus olhares rumo ao céu, ao alto, como um espaço de liberdade ao ponto do engenhoso Dédalus construir asas para partir. No entanto, sabemos que todo vôo traz em si consequência, seja ela produtiva ou apenas uma experiência as vezes frustrada na busca do novo, do desconhecido. A literatura que produz Mia Couto traz uma abertura para cima em direção ao alto, tal literatura ocupa um lugar aberto e sugestivo, preenhe de desejos. Dessa forma vislumbramos uma busca pelo que está no alto no conto “Os Mastros do Paralém”, *corpus* do nosso trabalho.

O escritor africano de língua portuguesa, Mia Couto por meio da ficção a história do seu país, pois a sua escrita literária nos sugere esta representação que aguça nossos sentidos para buscarmos entendermos as muitas metáforas que encontramos na sua criação literária. Essas metáforas traduzem também de certa maneira a própria inquietação de Mia Couto em relação ao espaço nação e o comportamento dos moçambicanos dentro desse espaço.

No entanto, essa literatura carrega poucos traços de uma África que, por muito tempo nos foi moldada pela mídia, pois a escrita do autor moçambicano apaga certos preconceitos a respeito de África. Essa criação começa a ganhar espaço no mundo das letras e nas leis. Assim, por vários viés de sua escrita, nos é permitido fazer uma leitura da própria história ficcionalizada de Moçambique. Tal leitura inclui exatamente o que

⁵ MACEDO, Tânia, MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas* (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa/ organizadoras: Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, v.5). São Paulo: Arte e Ciências, 2007, p.46.

Julio Cortázar aponta como serem aspectos desse tipo de escrita “o bom contista é aquele cuja escolha possibilita essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana”⁶.

Assim, a leitura das obras de Mia Couto nos permite esse tipo de abertura, já que não delimita apenas o que está na estória contada, assim segundo Cortázar ao “recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atua como uma explosão que abre de par em par uma realidade muito mais ampla”.⁷

A respeito da escrita, o próprio Mia Couto no seu livro *Pensatempos: texto de opiniões*⁸ assim afirma sobre o conto:

O conto é feito com pinceladas. É um quadro sem moldura, o início de uma história que nunca acaba. (...) É uma iluminação súbita sobre essas vidas. Um instante, um relâmpago. O mais importante não é o que revela, mas o que sugere, fazendo nascer à curiosidade cúmplice de quem lê...

A relação que fazemos dessa escrita deve ser entendida não como a representação da realidade, mas como a mediação de ficção, conhecimento e criatividade. Essa literatura não está delimitada somente a esse espaço, nação moçambicano, mas mantém uma relação com o mundo. Por isso o nome do livro no qual se encontra o conto analisado neste trabalho já é bem sugestivo, pois o título *Cada homem é uma raça* sugere uma abertura para o mundo. No trecho que segue abaixo, Ana Mafalda⁹, no seu livro *Literaturas Africanas e Formulações Pós – Coloniais*, assim afirma:

Constatamos que a particularidade das personagens de Mia Couto, reside na sua narrativa, história e invenção; as personagens são mundos narrativos mediadores, “traduzem” uma experiências de vida, pessoal mas, no entanto, exemplar, didáctica e crítica, para a comunidade.

Assim é que presenciamos um comparecimento de questões históricas, sobretudo, representações coloniais em vários de seus contos. Dessa maneira, nos leva a pensar que o passado de submissão não pode ser mudado, o presente depende da atuação da sociedade no sentido de mudança e o futuro é algo que não pode ser afirmado, porém pode ser sonhado, almejado.

⁶ Apud: GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 49.

⁷ Idem, p. 67.

⁸ COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. 2. Ed. Lisboa: Caminho nosso mundo, 2005, p.46 .

⁹ LEITE: 2003, p. 67-68 op.cit. p. 12

Perfazendo o caminho e chegando aos trinta anos de independência, o autor afirma que eles não sabiam que não poderiam mudar o mundo tão rápido como pretendiam, pois apesar das injustiças coloniais, enfrentam ainda situações de crises, uma vez que para reconstruir e recriar o país é difícil, pois apesar da independência, infelizmente no mundo uns são presas outras são predadores.

No mesmo texto, Mia Couto menciona seu romance, *Terra Sonâmbula*, no qual faz uma crítica através do seu personagem Junhito que recebeu este nome porque nasceu no dia da independência, mas por causa da data do nascimento o seu pai teve um pressentimento de que ele iria morrer, o menino então foi levado para morar na capoeira onde passa a viver com as galinhas, sua mãe vai lá toda noite escondida visitá-lo e sempre canta para o mesmo, mas com o passar do tempo o menino se domestica naquele meio e ao adormecer sonha que um dia teria sido homem. A crítica está relacionada à perda de soberania de Moçambique e o escritor do livro questiona sobre certa acomodação do povo de seu país, certo conformismo com a situação ainda de dependência que ainda vigora na mentalidade do país.

Diante disso e de outras questões que estão no bojo de nosso trabalho é que buscaremos discutir sobre alguns aspectos do conto “Os Mastros do Paralém”, publicado na obra *Cada homem e uma raça* (1998), de Mia Couto, afim de verificar de que maneira a narrativa e as personagens se estão entrelaças através do fio de linguagem em um mundo de trocas e destrocas, se refazendo e se perfazendo através do tecido ficcional.

CAPÍTULO II

2. Concepção do narrador em “Os mastros do Paralém”

Para a o trabalho escolhemos um conto de Mia Couto que está inserido na sua obra “*Cada Homem é uma raça*”¹⁰. O conto “Os mastros do Paralém”¹¹ traz a estória de Constante Bene, um viúvo que tem dois filhos, ele é guarda da propriedade de um colono, mas sempre sonha com uma terra que fica no “Paralém”. A personagem decide ir para essa terra quando Chiquinha sua filha tem um bebê, e ele descobre que seu neto é filho do patrão. Na leitura do conto “Os mastros do Paralém”, o leitor é levado a refletir sobre os vários espaços que são apresentados pelo narrador no enredo do conto. No primeiro momento esse espaço é configurado de maneira que percebemos a subordinação de Bene à Tavares, proprietário das terras que o protagonista ocupa. Constante Bene é uma personagem interessante e instigante, através das suas ações, podemos perceber os seus anseios que ficam entre o que ele deseja, e o que lhe é imposto pela posição enquanto colonizado. Constante Bene não recusa somente a si o poder de sonhar, mas aos seus filhos, pois estes foram criados para não sonhar, contudo, acompanhamos as ações das personagens Chiquinha e João Respectivo, filhos de Bene que aparentemente são “conformados” com a condição tão precária em que vivem.

No conto “Os mastros do Paralém” apesar de não ser a personagem Constante Bene quem narra, encontramos alguns trechos nos quais suas palavras são mescladas e confundidas com as do narrador, o que nos leva a um impasse quanto à caracterização do narrador. Em outros momentos notamos esse narrador totalmente alheio como se observasse as personagens e contasse a alguém a estória delas. Assim, a partir dessa observação podemos afirmar que no presente conto temos um narrador que pode ser classificado de narrador onisciente intruso, haja vista que segundo Friedman¹² esse narrador tem a liberdade de narrar conforme seus anseios, podendo até mesmo manipular as ações das personagens.

Esse narrador permite somente a Constante o poder de falar sem ser interrogado e é esse permitir que faz com que a personagem de Constante Bene tenha voz. O que

¹⁰ COUTO: 1998, op.cit. p. 11.

¹¹ Idem

¹² Apud. LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 8. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

aponta para essa problemática quanto à classificação do narrador, porém quando as outras personagens falam isso acontece através de um diálogo que é realizado pelo próprio Constante. No trecho, que aparece um Mulato em um dia chuvoso e que passa pela cabana, cabisbaixo se dirigindo à montanha, podemos observar como os filhos não têm voz, diferente de Bene:

Que homem seria de onde viera? Mesmo calados, os três se perguntavam. Mágoa de amor, adivinhava Chiquinha. Um caçador de leopardo, suspeitava João.

- Esse homem não é pessoa de ser - sentenciou o pai.¹³

O mistério que o mulato impõe as personagens nem mesmo o narrador nos pode desmistificar, talvez a personagem esteja representando as misturas, o desconhecido, por isso quando passa as que o olham não pode lhe atribuir nenhum significado, haja vista representar o hibridismo, ser um mulato que não têm lugar, por isso, o narrador só passa vê-lo também quando ele vai morar naquele espaço na montanha, assim após a sua chegada o narrador nos diz algumas coisas do Mulato, que ele “parecia ter fome de habitar a terra”.¹⁴

O conto é apresentado de maneira fragmentada. É por meio do narrador onisciente intruso e das suas observações, que nós podemos acompanhar a constituição do conto. Isso só é possível, através da estória que nos conta o narrador.

As personagens são preocupadas com a sua própria condição, mas não conversam sobre isso entre elas. É o narrador onisciente intruso, nós dá idéia dos sonhos de cada um deles Constante apesar de não concordar com a idéia, têm um sonho de ir para a terra do “Paralém”.

Enquanto seu filho João Respectivo parece alheio à condição deles, mas vive a especular o mulato, sobre outras terras, pensa também em um mundo mais justo, Chiquinha por sua vez, para melhorar sua condição, se engravida de propósito do patrão proprietário das terras, com o intuito de dar um “chão”, um futuro para sua família.

Assim podemos intuir como está refletida, no conto a preocupação com um desejo de liberdade, fato que podemos observar e analisar a partir da constituição das personagens e do espaço que nos é apresentado pelo narrador. Este segue sua narrativa nos mostrando o comportamento de Constante em relação à sua família e de como Bene

¹³ COUTO: 1998, p.169-170, op.cit, p.11.

¹⁴ Idem, p.170.

ocultava daqueles que os rodeavam seus sonhos e anseios, podemos perceber isso no seguinte trecho:

Mas ele simplificava a vida. A seus dois filhos, Chiquinha e João Respectivo, ensinavam os infinitos modos do sossego. Os meninos dele recebiam cuidados, muito órfãos que eram. Eles, sós, tratavam os assuntos da casa.¹⁵

É através de Constante Bene, o pai protetor, que tenta proteger ao máximo seus filhos dos sonhos, dos desejos humanos de mudarem seu papel dentro da sociedade, pois isso pode machucá-lo, o narrador centra seu foco de atenção nessa personagem visto que, podemos separar claramente o que os outros pensam e sentem. Com Bene acontece o inverso, às vezes, não sabemos se é a personagem ou o narrador que está contando, embora saibamos que existe um narrador onisciente intruso no conto que se interpõe entre o leitor e a estória narrada.

Podemos afirmar que a narrativa se estrutura em torno do enredo, talvez pelo fato de que Constante é o pai e mãe da família, ele que anseia dias melhores e esconde sua vontade de transcendência, o narrador e o leitor sabem que aquele homem tem um desejo reprimido, conhecemos esse fato apenas porque o narrador, através da sua memória, conta a estória sem deixar de contar os anseios da personagem.

Outro fato que nos chama atenção são os artifícios usados pelo narrador do conto para inserir o leitor no passado das personagens que se dá através de flash-back, ou seja, momentos em que o narrador retoma fatos do passado de maneira rápida e concisa para que determinados assuntos fizessem sentido a partir do contexto em que estavam inseridos.

Os artifícios usados pelo narrador permitem vislumbramos alguns focos de acontecimento que permeava a realidade de Moçambique, mas esses focos na ficção devem ser entendidos não como representação da realidade, mas como mediação das inferências que fazemos no percurso da leitura, pois levamos em consideração que foi o mês de junho o acontecimento da independência de Moçambique uma idéia que já estava em curso há muito tempo, como a idéia da personagem Chiquinha de obter uma condição melhor para sua família. Assim, a gestação de Chiquinha remete a liberdade, vem dialogar com o que Chiquinha estava pensando.

¹⁵ Idem, p.167

Essa relação que fazemos dos fatos contados pelo narrador no conto, pode ser feita ainda em outra instância, através do que nos diz o escritor moçambicano Mia Couto em seu texto “Moçambique – 30 anos de independência no passado, o futuro era melhor,”¹⁶ no qual faz um relato dos aspectos que levaram a independência. Esta era considerada um meio de acabar com as injustiças vivenciadas na realidade colonial que empurrava os negros cada vez mais para os subúrbios.

O narrador nos guia e as pistas deixadas por ele nos levam à reflexão no decorrer dos acontecimentos da estória. Como podemos notar o dia do nascimento do filho de Chiquinha não tem importância, mas o mês sim, esse mês é junho e junto com o filho nasce à esperança de Chiquinha de que seu filho seja aceito por seu pai como neto.

A criança nascida então nesse mês esta ligada ao fato da libertação de Moçambique, pois a criança tem uma simbologia de renovação como observamos no dicionário¹⁷ de símbolos:

Assinalam períodos de regressão ao inverso, a imagem da criança pode indicar uma vitória sobre a complexidade e a ansiedade, e a conquista da paz interior e da autoconfiança

Então o nascimento pode vir a ser a vitória que Chiquinha alcança, dessa maneira podemos intuir que apesar do nascimento da criança, continuam no mesmo lugar. Assim pode vir representar o percurso que Moçambique deve percorrer após a independência.

Dessa maneira levantamos a hipótese de que o conto “Os mastros do Paralém”, assim como a forma da estrutura desse gênero, propõe lançar uma abertura de forma utópica não só na busca que a narração mostra, mas, sobretudo na constituição das personagens que no conto vai se confundindo, ou se mesclando entre o terreno escorregadio da ficção e realidade.

Sendo que segundo Nádía Battella Gotlib¹⁸ (1987) “realidades e ficção não tem limites precisos” no conto, por isso as personagens imaginam uma terra que fica no “Paralém”, eles têm esperanças e sonham com novas realizações.

¹⁶ COUTO, Mia. *Moçambique -30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor*. In: *Revista Via Atlântica*/ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - nº 8, 2005. São Paulo: Departamento, 2005.

¹⁷ CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, p.302.

¹⁸ GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

2.1 A configuração das personagens no conto “Os Mestros do Paralém”.

*Aquela beleza era como o fogo:
longe não se via, perto queimava*
Mia Couto

No texto de Antonio Candido, “Personagem de ficção¹⁹”, o romance em sua constituição é visto como uma ligação de enredo e personagem. Entre essa ligação são trabalhadas as idéias, que são os fatos que acontecem na narrativa. Candido vê o ser de forma fragmentária, por isso a personalidade não pode ser percebida como configuração externa. Dessa maneira a personagem na sua configuração externa pode ser acompanhada de forma explícita, enquanto a personalidade não, pois não vemos o que se passa no pensamento do ser, embora possamos acompanhar a maneira de ser da personagem através de fragmentos, que são apresentados pelo narrador ou pela ação ao longo do enredo.

As personagens no decorrer do conto vão desenvolvendo as ações, estas que podem de certa forma, representar a história de muitas pessoas, embora saibamos que as personagens de ficção não são de fato seres reais, contudo as personagens apresentam algumas características desses seres, pois são organizadas de maneira adequada pelo escritor, por isso um ser fictício tem que conter o elemento da verossimilhança, como podemos observamos nas personagens que iremos analisar.

Bene, guarda da propriedade do colono, faz as rondas durante a noite e são nessas horas que se põe a pensar na sua condição, à noite o guarda deixa aflorar seus sonhos que nem a si mesmo confiava. Numa dessas noites ele vai até a montanha, pois se sentiu “valente”, mas se reprimiu, porque lá era um lugar que o mesmo proibia aos seus filhos, como poderia ele ir lá? Pensando assim disse: “hoje e hoje” (p.169), prometendo a si mesmo que aquilo não tornaria a acontecer.

Constante Bene é um homem “valente”, sobretudo para defender sua família. No conto, sua trajetória começa exatamente no momento em que o narrador localiza a família dentro da velha cabana, fechada pela chuva, a família parecia acostumada a

¹⁹ CANDIDO, ANTONIO. “A personagem do romance”. IN: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

permanecer ali, pela posição que se impõem sobre Bene e filhos, pois o mesmo sempre fora guarda das propriedades do colono desde o princípio da sua vivência naquele lugar.

No decorrer da narrativa notamos através de alguns traços da configuração externa de Bene os anseios que esta personagem tem, já que a personagem Bene sonha com um lugar melhor, mas a mesma não conta seus sonhos a ninguém, é através dos fragmentos da ação de Constante que podemos perceber tal anseio.

O momento em que acontece a ida de Bene à montanha é durante a noite. Este fato traz uma carga significativa no enredo, sobretudo se considerarmos que a noite propicia uma cumplicidade entre o ser e os seus sonhos. Nesta perspectiva Antonio Candido²⁰ pondera que:

(...) inversamente, a noite parece mais ajustada a uma corrente que valoriza o mistério, respeito ao inexplicável e aprecia os sentimentos indefiníveis. Daí o gosto pela noite como hora, quando a escuridão reina e se associa na imaginação a acontecimentos anormais.

Assim, vemos Bene durante a noite, longe dos olhos de seus filhos, que se põe a sonhar com outro lugar onde as coisas poderiam ser diferentes, longe da demarcação da montanha, por isso sobe lá no anseio do que estava além dali. Assim é que através de suas ações vão se configurando os seus desejos que ficam entre o que ele almeja e o que lhe é imposto pela sua posição enquanto colonizado. Esta posição ocupada por Bene, um simples guarda da propriedade do colono, talvez seja o principal motivo para a sua repreensão e cuidado em relação a seus sonhos e à família.

Além de ser muito cuidadoso, Bene também sente muita falta de sua esposa, por isso quando vê a necessidade de castigar seus filhos não procede desta maneira, porque a presença da falecida é revivida em seu pensamento e isso converte sua autoridade em bondade. A bondade, no entanto não impede o pai de, sempre que possível e de maneira branda e esclarecedora, aconselhar seus filhos de algumas coisas, como não subir até a montanha, visto que lá mora o Mulato e o mesmo é julgado por Bene como uma pessoa que não se pode confiar, essa desconfiança pode ser pelo fato do mesmo ser guarda e por isso mesmo ter que ser zeloso e desconfiado com tudo que lhe parecer diferente ou ameaçador, tendo que acompanhar os passos das pessoas que passavam e

²⁰ CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1999, p.38-53. (Série Fundamentos)

vinham de outros lugares para morarem ali, sua função era manter a ordem, e o mulato que nem sequer parou para receber os cumprimentos e que, segundo o pensamento zeloso de Bene, tal comportamento deveria ser avaliado. Parte dessa suspeita é desfeita, por meio da insistência de seus filhos que acreditavam que aquele homem era bom e o mundo deles precisava de pessoas diferentes. Os mesmos diziam que aquele mundo “tão sem febre” (p.170), precisava de alguém para revivê-lo e por fim seus filhos o convencem a deixar o Mulato em paz.

A montanha como representação simbólica se destaca entre as personagens do conto, bem como a proibição em subir à mesma, esta última, a proibição, pode representar simbolicamente a posição de emparedamento e medo de Bene, já que a montanha pode ser considerada como símbolo múltiplo, pois “prende-se à altura e ao centro na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próximo do céu, ela participa do simbolismo da transcendência”²¹.

Vislumbra-se aí ser essa transcendência que Bene busca, visto que, a montanha é alta, vertical está ao mesmo tempo longe e perto representando suas idealizações, por isso o ato de subir para Bene ao mesmo tempo em que simboliza a liberdade, porém, de certa forma, simboliza uma ameaça a ele e aos seus filhos por representar também o lugar do desconhecido. A montanha ainda representa: “O lugar dos deuses e sua ascensão é figurada como uma elevação no sentido do céu, como um retorno ao princípio” (p.116)

Dessa maneira, podemos afirmar que Constante Bene almeja retornar ao princípio, naquele momento que as terras daquele lugar pertenciam aos “seus filhos devidos”, (p.181-182) e não aos estrangeiros que destituíram os donos das terras e os tornaram trabalhadores da terra sem direitos a nada.

Constante Bene não recusa somente a si o poder de sonhar, mas também aos seus filhos, estes foram criados para não sonhar, fato que o leva a proibir a subida dos filhos à montanha. Contudo, acompanhamos as ações das personagens Chiquinha e João Respectivo, que aparentemente são “conformadas” com a condição tão precária em que vivem, entretanto as ações que mostram o contrário vão ocorrendo de maneira fragmentária. Paralelas as recomendações do pai protetor temos Chiquinha que já cresceu e João que vive a brincar com os filhos do patrão e vai levando a vida alheia ao tempo. O que sabemos dos dois é delimitado, Chiquinha continua freqüentando a montanha mesmo com a proibição do pai, João também, mas com ele o pai até se conforma por causa de suas meninices.

²¹ CHEVALIER, J. & GHEERBRANT: 1990, p.116 op.cit. p. 19.

Apesar das desobediências dos filhos, Constante sempre os adverte, principalmente Chiquinha, sobre as idas à montanha. Certa vez Bene disse a Chiquinha que quem “proíbe o mel é a própria abelha” (p.17), como pai a pressentir que coisas ruins poderiam acontecer. Percebemos que essa previsão é confirmada quando Chiquinha fala para o pai que está gestante, nesse momento temos uma mudança tanto nas ações das personagens como na constituição do conto.

Desencadeia através desse fato um conflito, haja vista, que Chiquinha prefere esconder a paternidade de seu filho. Constante Bene não aceita que tal fato acontecesse com sua filha, porém Chiquinha quer apenas que seu filho seja aceito pelo seu pai como neto. Este, depois de nascido é visitado por Bene durante a noite, mas só ficamos sabendo disso quando o mesmo é surpreendido pela filha com o farol sobre o menino. Nesse momento o filho de Chiquinha passa a ser reconhecido como neto. Tendo em vista que o neto passa a ser aceito, o clima da casa se torna mais leve, sentimos isso acontecendo nas ações da família e de Constante Bene, isso se verifica no trecho abaixo:

Assim se iniciou um novo sentimento na cabana mesmo Bene parecia mais novo, cantarolando trauteceirão. Chiquinha premiava o pai com refeições mais demoradas de paladar. Joãozinho se entregava a infantarias, correndo os atalhos dos bichos.²²

No entanto, percebemos que esse sentimento dura apenas até surgir Laura, a mulher do lenhador. Esta questiona Constante Bene sobre o mesmo ser guarda e não cuidar de sua própria família. Esta fala sobre os comentários que as pessoas estão fazendo de Chiquinha, de que esta foi vista na montanha com um homem branco se “agarrando”.

Depois do encontro com Laura acontece uma coisa que o leitor não esperava, Constante Bene, o homem que tem medo até de sonhar, sobe até a montanha para procurar o mulato para matar, pois julga ser o mulato o pai de seu neto.

Nesse momento, devido a sua posição de pai protetor, se sente na obrigação de lavar a honra da família e por isso é levado a querer matar o mulato, mas para Bene, homem zeloso e humano, este é um ato difícil de ser realizado e barda consigo e com Deus: “meu Deus, como eu nem sei matar! Só um instante te peço dá-me a certeza nesta minha mão”.(p.178). Este fato deixa claro que essa ação de matar só acontece porque para Bene sua família estava em primeiro lugar.

²² COUTO: 1998, p. 176, op. cit, p. 11.

Com a arma pronta para matar o mulato Bene estabelece ainda um diálogo com ele, pergunta ao mulato se vinha do “Paralém”, se lá havia levantado a “bandeira”. O mulato ignora a fala de Bene, então diante disso, Bene enfurecido diz que os mulatos procedem assim porque eles não têm bandeira. Após a luta com o Mulato Bene pensa ter o matado como observamos:

O guarda acocorou-se ao lado da vítima e, com as mãos, avaliou a sua morte. Sentiu o sangue engomar-lhe os dedos, viscosos, lhe apontavam culpas. Sentou-se no chão, cansado. (...) Arrastou-se até ao sacudu²³ do mulato. Tirou um cantil e bebeu. Depois, vazou a mochila: caíram papéis sob a luz da fogueira. Pegou em folhas soltas, vagarinho decifrou as letras. Estavam escritos sonhos lindos, promessas de um tempo fortunado. Escola hospital, casa: tudo, de abundância, para todos. Seu peito se apressava, amotinado. Voltou a sacudir a mochila. Tinha que estar, fosse amarrotada num canto, havia de constar.²⁴ p.179

Vendo tantos sonhos que estavam dentro da bolsa do Mulato, não se contenta, pois continua a procurar pela bandeira, esta que aparece logo depois para confirmar suas suspeitas: “Foi então que, como onda de prata, a bandeira tombou do saco. Parecia imensa, maior que universo. Bene se deslumbrava, nem ele se cria um dia chegar a tal visão”. (p.179)

Quando o narrador diz que “nem ele se cria um dia chegar tal visão”, esta afirmação se dá, sobretudo, pelo fato de Bene ser como já afirmamos um homem que têm sonhos, mas não acredita que eles possam se realizar, por isso o medo de ousar, de subir à montanha.

Este encontro de Constante Bene e a bandeira é muito importante, visto que remete à uma possibilidade de realização e nesse momento Bene se recorda de quando passava pela bandeira do colonizador e não podia fazer poeira para não sujá-la, aquela era diferente representava sua bandeira, uma esperança se renovando a partir daquele pedaço de pano. Enquanto contemplava a bandeira tão almejada, chega João que diz ao pai que foi o patrão que engravidou sua irmã, Bene duvida, João afirma e começa a chorar. Diante disso, apesar de sentir-se abalado, Constante Bene pela primeira vez deixa transparecer aquilo que nós leitores já sabíamos, sua intenção e anseio de uma vida melhor, e mostra a bandeira para o filho como representativa de uma solução, porém João Respectivo, como o mulato acredita em dias melhores, mas sabe, no

²³ Mochila o termo foi trazido pelos guerrilheiros da Frelimo que foram treinados na Argélia, a partir da palavra sac-au-dos. Essas referências foram retiradas do conto “Os Mestros do Paralém”.

²⁴ COUTO: 1998,p.179, op. cit, p.11.

entanto, que aquela bandeira mesmo que implantada nos mastros não podia dar conta de resolver todos os problemas da condição em que viviam.

Como estava muito machucado pede a João que o ajude a descer a montanha, aqui temos a inversão, o filho agora é o pai que carrega Bene sem parar ao menos para tomar fôlego, por isso João sente-se grande e começa a falar do que o mulato havia ensinado a ele, sonha com a liberdade e vai dizendo os seus sonhos ao pai. Assim, o filho ao ver seu pai manifestar seus sonhos, João acredita que também pode fazer o mesmo, de repente começa a falar também dos seus anseios. Então aquele João alheio ao tempo, passa agora por uma inversão, nos é apresentado um menino amadurecido, como se aquele ato do pai, tanto em subir à montanha, como o encontro com a tal sonhada bandeira fosse como um rito de iniciação a João, que a partir daí se torna forte e livre para sonhar e agir e a partir daí esquecemos que em vários momentos, no decorrer da narrativa, João é apresentado como menino envolvido com as suas meninices, uma criança alheio de si e do outro.

Entretanto, Bene se assusta com as declarações do filho e se recusa a continuar levado por ele, pois prefere escorar em um pau, que não tem idéias, volta o medo e a ameaça que representa a atitude do filho. Apesar disso quando Bene volta para sua casa já não se sente o mesmo homem, fraco e medroso, ao ponto de, ao deparar com o patrão em sua residência conversando com Chiquinha, observa como ele é mais alto que o colono é como se a altura da montanha se integrasse de alguma maneira à sua. “Arrastou-se até enfrentar o patrão. Só então notou como era mais alto: ao xikaka faltavam calcanhares.”²⁵

Passamos a vislumbrar aí uma possibilidade de inconformidade com a sua situação, começa a agir, a partir daí, contra a submissão. Com a saída do colono, Constante Bene reúne seus filhos e pede a Chiquinha e a João para chamarem o Mulato, decidindo assim a ir para o “Paralém”, o lugar que Bene tanto sonhava, a terra que diferente da chuva que os prendia iria brilhar o sol e a bandeira seria, enfim, erguida nos mastros representando a tal liberdade sonhada.

Então, podemos inferir que Bene é como espécie de guia da família e seus atos estão sempre voltados para ela, pois as mudanças que acontecem na narrativa permitem vislumbramos cada ação de Bene é para o bem da única coisa que de fato lhe pertence, a família.

²⁵ COUTO: 1998, p. 183. op. cit, p.11.

Temos ainda, o Mulato que a princípio é visto como uma ameaça ao meio em que vive a família de Constante Bene, mas o mesmo ganha outra perspectiva aos olhos de Bene, após descobrir não ser o mulato, o pai do filho de Chiquinha. Assim, o Mulato passa a representar também a mudança, sobretudo ao levar em conta sua condição em ser um mestiço, nem branco, nem negro, um misturado.

Quanto a Chiquinha, João e o neto, nos levam a intuir que eles ao mesmo tempo impulsionam e impedem o pai de agir, pois além da proteção que tem em relação à família Bene tem noção clara da figura de Tavares como castração da própria interdição na vida da família de Constante Bene.

Essas representações das personagens é característica do escritor africano Mia Couto, pois vislumbramos em cada personagem um anseio. Como vemos no trecho abaixo retirado do livro “Literaturas de Língua Portuguesa”²⁶:

A idéia que cada homem é uma raça esta na literatura de Mia Couto, idéia que tem subderivações, pois o homem e a terra muitas vezes se confundem, revelando a profunda visceralidade que existe entre homem e natureza. O homem é a terra, é o tempo, e mesmo as palavras são parte da terra (...). A idéia empenhada num mundo protético, moderno e plural é colocada nas muitas metamorfoses que transitam entre o sonho e a experiência do real que atingem as personagens.

O mesmo anseio pode ser verificado nas personagens analisadas, pois estes fatos estão correlacionados com a forma como o escritor cria e dá vida a seus personagens, estas não se delimitam, elas voam em direção aos seus sonhos e vontades de liberdade. Assim Constante Bene, João Respectivo, Chiquinha e o Mulato, são muitas raças que buscam um só sonho a liberdade.

²⁶MACEDO, Tânia, MAQUÊA, Vera: 2007 p.62-63, op. cit. p.12.

Capítulo III

3. O espaço no conto “Os Mastros do Paralém”: a busca da transcendência.

Mas a bandeira se confirmava, em prodígio de estrela, mostrando que o destino de um sol é nunca ser olhado.

Mia Couto

A leitura do conto “Os mastros do Paralém”, nos proporcionou refletir sobre os vários espaços que são apresentados no enredo do referido conto. No primeiro momento esse espaço é configurado de maneira que percebemos a subordinação de Bene a Tavares, proprietário das terras que o protagonista Bene ocupa. Já, de início do enredo, notamos que não é de forma inocente que o narrador afirma que “a chuva é carcereira, fechando a gente. Prisioneiro da chuva estavam Constante Bene e seus todos filhos.”(p.167). Visto que ao afirmar isso denota a própria condição de “ilhamento” da família de Bene no espaço ocupado.

Devemos ressaltar também que o espaço que cerca a família de Constante Bene é ocupado pelo colonizador, as terras em que vivem Constante e a família pertencem ao outro, ali a família não tem direitos, apenas deveres, pois Constante como guarda deve manter a ordem e cuidar das terras. Por isso, o referido espaço não permite a realização dos seus anseios, porém não mata o desejo e a esperança de Bene e a família de criar um novo mundo no qual possam ser aceito e existir.

Observamos que por mais que houvesse um desejo aflorado em Bene em estar em outro lugar, havia de certa forma, um consenso de que o espaço ali ocupado por ele e a família era tranquilo, apesar de não lhes pertencer, e o que mais pesava nas ações de Bene, em aventurar-se por outras paragens era o cuidado que tinha em relação aos seus filhos. João Respectivo o mais novo vivia brincando com o filho do patrão e Bene achava isso bom.

Constante não o requeria, respeitando suas meninices. Antes ele brincava com o filho do patrão. Os miúdos, no arco dos risos desconheciam a fronteira de suas raças. Bene se agradava, vendo assim Respectivinho recebendo cuidados de empréstimo. Ao menos, ele lá ganha comida.²⁷

²⁷ COUTO: 1998, p.173, op. cit, p. 11.

Era essa uma das preocupações de Bene em ver seu filho bem cuidado e integrado com o outro, pois o filho do patrão ainda desconhecia as fronteiras da raça e da divisão muito diferente da relação de Bene e Tavares. Ambos os adultos que já eram conscientes da condição que os separavam, mas esses fatos passam despercebidos às crianças. Dessa maneira, percebemos que a criança não foi ainda contaminada pelo meio, por isso João e o filho do patrão têm uma relação de amizade, o que não acontece com Bene e Tavares.

O colono, por exemplo, ainda que seja o proprietário das terras, Bene não tem um contato amigável com ele, muito pelo contrário, Bene o teme. Isso pode ser identificado quando o empregado fica alerta com a presença do mulato que passa pela cabana e vai para a montanha, pois sua função é manter a ordem “naquele mundo tão sem febre”²⁸, como diria o narrador para caracterizar que naquele espaço tudo ocorria da maneira como devia ser, sem ameaças à ordem. Por isso, Constante Bene devido à sua posição de guardador fica desconfiado com a presença do Mulato na montanha e na mesma noite têm um sonho, como lemos no trecho abaixo:

Naquele pesadelo, o guarda se sentiu derradeiro. Assim ele viu: o mulato era um mussodja²⁹ e caminhava, por entre o pomar, com sua farda guerrilheira. Más de espanto: ele tocava as laranjas e elas se acendiam, em chamas redondas (...). De repente, eis: o Tavares. Furioso canhagulo³⁰(...) disparava contra onde? Contra o chão contra as árvores contra a montanha. O colono gritou-lhe:

- E você Constante, é guarda de quê? Apanha essas laranjas antes que arda tudo.

Constante hesitou. Mas o cano da espingarda, virado em seu peito, lhe fez obeditoso. Árvore ante árvore, ele foi colhendo ardências até seus dedos virarem uma dezena de chama (...)³¹

É a preocupação de Bene que o levou a ter esse pesadelo, através dele temos a noção de como é a relação de colonizado e colonizador. Bene tinha que cuidar do pomar e os gritos de Tavares mesmo em sonho, deixa transparecer a submissão existente, pois sobre a mira da arma é que Bene vai colhendo “ardências” e os seus dedos virando chamas. Então, é como se o sonho viesse aflorar exatamente aquilo que incomodava Bene: a submissão e o estado de impotência perante o “outro”.

Por isso, Bene “se sentiu derradeiro”, porque no sonho o Mulato era visto como um guerrilheiro. Sendo um ser que busca um lugar para si, diferente de Bene que apesar

²⁸ Idem, p.170

²⁹ Guerrilheiro

³⁰ Arma de fogo.

³¹ Idem, p.173

de fazer parte daquele espaço não ia à luta como se propunha o Mulato que mesmo diante dos gritos de Tavares, continuava a tocar as “laranjas” que se transformavam em “chamas”. Assim o fogo que serviu para destruir as laranjas parece também mudar a atitude de Bene perante a força do colonizador, pois surge como uma “chama” de esperança já que o Mulato parecia desejar o mesmo que Bene, assim não seria apenas este a lutar pela liberdade.

O comportamento de Bene vai mudando no conto conforme essas coisas vão acontecendo. Se no princípio contenta em sonhar e ser guarda, com o sonho que teve e a chegada do Mulato vive a indagar seus filhos sobre o que fala o Mulato da outra terra, e as coisas ganham outra dimensão quando Chiquinha engravida, embora Constante seja consciente que a sua busca e a vontade em relação à sua realização enquanto ser humano vivendo no mundo é quase impossível. Bene Começa, então, a partir desses fatos, a sonhar com a liberdade. Contudo Bene sabe claramente que enquanto colonizado nem mesmo em sua língua podia se expressar, como também não podia falar da liberdade almejada, assim, Constante adverte João sobre esse assunto “Essa conversa é perigosa meu filho” (p.181), pois sabia que só de pensar em liberdade já podia sofrer as sanções, mas João não se intimidava, com as advertências do pai, prosseguia com entusiasmo falando sobre os ensinamentos do Mulato.

Mas Joãozinho se destemia, repetia ensinamentos do mulato. Aquela terra só convinha a seus filhos devidos, cansada de sangrar riquezas, para os estrangeiros.³²

Quando João, naquele espaço, se arrisca a expressar dessa maneira é como se o próprio João ganhasse altura em suas subidas à montanha para encontrar o mulato, as idas aquele lugar era freqüente, o menino não ia mais brincar com o filho do patrão, pois João tinha agora o intuito de ver o mundo por meio dos olhos do mulato.

Essa oportunidade de conhecer outro mundo é que possibilita o menino falar ao pai que não poderiam ficar para sempre ali, tinham que mudar suas condições enquanto ser humano.

Quanto a esse homem misterioso, sabemos pouca coisa dele. No enredo é afirmado que é um mulato, que se traduz na mistura de raças, por isso, talvez não tenha lugar nem no espaço do colonizado e nem do colonizador. Constante Bene, desconfiado

³²Idem, p.181-182

da índole do Mulato afirma que “é um talvez. Branco, se lhe convém. Negro, se lhe interessa.”³³

Diante desses fatos apresentados inclusive pela gravidez de Chiquinha, vemos aflorar em Bene um descontentamento ainda maior á respeito do espaço que é ocupado por eles. Fica evidente no momento em que ele começa a pensar na sua condição enquanto colonizado. Então, dentro desse espaço de submissão surge outro espaço o “Paralém” que nos é apresentado, atravessado pela imaginação de Bene.

Constante Bene sonhava muito com esse lugar, contudo, preferia permanecer ali como guarda das terras, pois sabia que esse sonho só podia acontecer no campo das idéias, e que somente ali podia idealizar e acreditar na possibilidade de realização de seus mais “secretos chamamentos”.³⁴

Estava o dito pelo interdito. Falava-se muita lenda da outra encosta do monte. Parece nessoutro lugar nunca os colonos haviam pisado. Quem sabe lá a terra restava com as suas cores indígenas, seu perfume de outroras? Quem sabe aquelas paragens fossem propensas apenas á felicidade?
Esse lugar Bene chamava o Paralém (...)

Compreendemos que esse mundo sonhado por Bene trata-se de um mundo utópico, uma coisa que está por vir, pois o espaço se configura de tal maneira clara que às vezes chegamos a acreditar na existência desse lugar sonhado por Constante Bene. Esse espaço simbólico parece guiar a personagem nas suas próprias ações. Nos parece que o mesmo artifício usado pelo escritor na narrativa é também usado pela personagem do conto, pois segundo Mía Couto, no seu livro *Pensatempos: textos de opinião*³⁵, “a escrita é uma falsa quietude, a capacidade de sentir sem limites”. Couto afirma ainda que a escrita “é uma janela que se abre para estrearmos outro olhar sobre as coisas e criaturas”.

Dessa maneira, podemos inferir que é “um outro” olhar que Constante Bene lança ao “Paralém”, buscando para si e para sua família outro lugar para além dos limites demarcados pelo espaço que os cerca e os empareda.

Tendo em vista que no espaço ocupado pela família de Bene, o colonizador não apenas se apossa das riquezas materiais, como também deixa o colonizado em estado de

³³ Idem, p.171

³⁴ Idem, p.169

³⁵ COUTO: 2005, p.45, op. cit. p. 14.

impotência e destrói até mesmo a sua alma, acontecendo, dessa maneira, também a desestruturação dos bens simbólicos. Assim Lourenço ³⁶ afirma que:

A nação que se escreve acaba por ter, entre outras virtualidades um carácter impositivo. Afinal, e para todos os efeitos, a colonização é sempre uma<< empresa colossal de subordinação do corpo e da alma>>

Nesta perspectiva podemos inferir que o espaço nação que se institui no conto é o da imposição, por isso a idealização das personagens por um novo lugar se configura como um espaço possível de liberdade ante a opressão.

Assim, o “Paralém” significava o lugar da possível felicidade e para tanto Bene acreditava que ali não havia a presença do colonizador “lugar nunca os colonos haviam pisado”, pois não poderia haver paz numa terra que fosse submetida à subjugação.

O nome do lugar o “Paralém”, por si só nos remete a uma simbologia instigante, remete aquele “*locus amenus*” que vemos configurado em “Pasárgada”, de Manuel Bandeira e que já serviu como inspiração para alguns escritores africanos de língua Portuguesa. Sugestão que intensifica na etimologia da palavra “Paralém” que é formada por duas preposições “para” e “além”. De acordo com o dicionário³⁷ “para é uma preposição, também pode fazer parte de orações que exprimem o lugar ao qual alguém ou algo se dirige, ou para onde alguém se dirige, sobretudo com ânimo de permanecer ou demorar-se. Já o “além” significa “lá, acolá, lá ao longe, bem longe, mais adiante, mais a frente (...) afora o que vem depois da morte, o outro mundo a eternidade o desconhecido o além túmulo”.

Diante disso podemos dizer que o lugar que Bene almeja está distante, ele quer ir “para” “além” e a demarcação do lugar que parte é a montanha, deseja subir, ir para além dali, procurar um lugar onde se sente livre e possa viver como os seus.

As próprias afirmações e ações das personagens nos permitem refletir sobre o espaço apresentado no conto, que de certa maneira nos deixa transparecer a situação de Moçambique no período colonial. Traduz, por isso, a busca e a vontade de Constante Bene. Talvez a mesma vontade daquele povo oprimido pelos vários anos de exploração da empreitada colonialista. É por meio, então, da escrita literária que se institui esse novo modo de ver o mundo e as coisas, pois deixa vislumbrar o que vai à essência do ser, em que os acontecimentos “começa e termina no próprio espaço onde eles

³⁶Apud: NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*. In: “A representação do espaço”. Ed. Caminho, Portuguesa, 2002, p.227.

³⁷ Dicionário Aurélio da língua portuguesa básica. Ed Nova Fronteira, Rio de janeiro

emergem: a escrita literária”, como afirma ainda Francisco Noa sobre a mediação da escrita literária e o mundo:

O processo de interpretação adquire, assim, uma importância decisiva na forma como a própria literatura ganha uma existência particular enquanto prefiguração da condição humana, enquanto abertura para um mundo, por acontecer ou que simplesmente nos é omissa.³⁸

Faz-se importante abordarmos essa afirmação de Noa para compreendemos melhor a existência de espaços que se constitui na escrita literária e sobressai ao espaço real ocupado por qualquer ser que se encontre na condição de Bene. É em torno dessa abertura da escrita literária que a personagem Constante consegue instituir esse novo mundo, aquilo que não está em seu alcance enquanto subjugado de um sistema castrado.

Ao fazer esse percurso percebemos como o espaço no conto, “Os mastros do Paralém” têm uma importância muito expressiva, pois segundo Antonio Dimas³⁹ o espaço pode “alcançar status tão importantes quanto outro componente da narrativa”. É então esse *status* que o espaço alcança no referido conto, conforme abordamos anteriormente em afirmamos, que a ação das personagens só pode se dá ali, pois há o entrelaçamento de personagem e espaço. Por isso, a evocação do porvir, o lugar dos limites da montanha.

É, portanto esse espaço que se institui no conto conforme Noa fala um “entre lugar” que é almejado por determinada personagem. No conto, “Os Mastros do Paralém” Bene que faz a evocação do porvir. Assim, Bene parte do “espaço concreto” em que se encontra e por meio da imaginação sonha com outro espaço que surge como uma representação “menos real”, mas almejado o “Paralém”.

Em seu livro *Império, Mito e Miopia – Moçambique como invenção literária*⁴⁰, Francisco Noa afirma que:

A partir de determinado momento, é possível identificar no romance colonial a representação do espaço já não propriamente como lugar, mais ou menos real, (...) mas como um espaço por vir, portanto, como não-lugar. Dimensão que de certa forma, também é reconhecível necessariamente no espaço-nação, mormente enquanto mítico, e no espaço psicológico, enquanto evocação de um lugar num tempo determinado, tanto num como noutro caso, trata-se, porém, de representações ligadas a um espaço concreto, estejam elas desfocadas ou amplificadas. O que já não se verifica no espaço da utopia.

³⁸ NOA: 2002, p.166-167, op. cit, p.32.

³⁹ DIMAS, A. *Espaço e romance*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p.5.

⁴⁰ NOA: 2002, p. 228, op. cit, p. 32.

Não é difícil perceber ser esse porvir idealizado por Constante para si e sua família, fato que nos leva a inferir que o mundo sonhado no espaço e almejado pela imaginação de Bene seja utópico.

Nesse sentido vislumbramos um processo de construção de um novo mundo, já enunciado na epígrafe do conto “só um mundo novo nós queremos: o que tenha tudo de novo e nada de mundo”, pois tanto Bene como o narrador sabe que no mundo sempre existiu oprimido e opressor, por isso subjaz uma enorme vontade de desfazer para refazer.

É exatamente isso que Bene faz antes de ir para o “Paralém”, coloca fogo na cabana onde moravam e no pomar, antes de subir para montanha e partir. Assim se desfaz de tudo aquilo para ir à busca de um mundo novo, em que nesse espaço possa ter seu lugar.

Considerações Finais

Ao final desse estudo podemos verificar ser muito importante este diálogo que vem sendo proposta pelas leis, a qual estabelece a obrigatoriedade do estudo sobre história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino médio, sobretudo, pelo fato da identificação que Moçambique tem com o Brasil no meio literário, cultural e histórico.

A escrita de Mía Couto nos possibilitou refletir sobre aspetos dessa literatura, pois a forma como o mesmo escreve seus livros e que utiliza para contar suas histórias são extraordinários, afinal toca a própria alma humana, modela, intui, aponta para novos rumos, ao desconhecido em busca de traduzir o silêncio de muitos moçambicanos e do próprio ser humano.

As personagens que aparecem no conto acabam por deixar lastro de humanidade e desejo dentro de cada um de nós leitores, pois seja Bene, o pai cuidadoso, Chiquinha que sonha com uma vida melhor, João Respectivo que com o comparecimento do Mulato passa a ver o mundo de outra maneira, elas ficam latejando na mente do leitor pela riqueza e intensidade como são construídas e apresentadas no mundo móvel da ficção.

O Mulato que, representando as misturas, o hibridismo, vem interagir e até instigar os outros do conto (família do Bene), e juntos partem em busca de uma liberdade, ainda não experimentada, visto que desde o princípio, parecia reinar a subordinação naquele lugar. Assim o neto de Bene é também um mulato, isso nos faz compreender porque o mesmo passa a aceitar as misturas e vê no mestiço a esperança se renovando.

Portanto, as mesmas personagens nos levam a pensar na própria condição humana, assim a obra *Cada Homem é uma raça* nos leva a vôos entre o imaginário e o real, o qual não podemos delimitar essa ação provocada pela literatura, já que esses elementos, real e imaginário, se entrelaçam de tal maneira que podemos, mediados pela realidade e ficção eu nos leva a compreender a força humanizadora da literatura⁴¹.

Dessa maneira, esse entrelaçamento reflete também os anseios do escritor em criar através da literatura um mundo novo, como também traduzir o silêncio de muitos,

⁴¹ CANDIDO, Antonio. "O direito a Literatura", In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. In: 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

que convivem com as desigualdades num mundo em que as coisas são tão desiguais, num lugar onde até mesmo as necessidades básicas são negadas, pela mesma raça que nos rodeia.

Assim, isso explica o porquê das personagens desejarem partir para o “Paralém” e pensam que a bandeira hasteada poderá lhes dá uma nação, liberdade de trabalhar para si e não para o outro. Este fato é que transporta a personagem Bene a esse universo imaginário e ao mesmo tempo utópico, esses fatos nos levam, também, a meditar na própria condição humana.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. "O direito a Literatura", In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. In: 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____, Antonio. *A personagem de ficção*. 9.ed São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____, Antonio. "Na sala de aula, caderno de análise literária". Ed. Ática, 2002 p.38-53.

COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. 2. ed. Lisboa: Caminho nosso mundo, 2005.

_____. *Cada homem é uma raça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. COUTO, Mia. *Moçambique -30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor*. In: *Revista Via Atlântica/ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - nº 8, 2005. São Paulo: Departamento, 2005.*

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

Dicionário Aurélio da língua portuguesa básica. Ed Nova Fronteira, Rio de Janeiro

DIMAS, A. *Espaço e romance*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 8. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, Ana Malfada. *Literaturas Africanas e Formulações Pós – Coloniais*. Ed. Colibri: Lisboa, 2003

MACEDO, Tânia, MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: maréos e marcas* (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa/ organizadoras: Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, v.5). São Paulo: Arte e Ciências, 2007

MAQUÊA, Vera. “Entrevista com Mia Couto”. In: *Revista Via Atlântica*/ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - nº 8, 2005, São Paulo: Departamento, 2005.

NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*. In: “A representação do espaço”. Ed. Caminho, Portuguesa, 2002.

SALGADO, M.T (org.). *África e Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis editora, 2006.

LEITE, Ana Malfada. *Literaturas Africanas e Formulações Pós – Coloniais*. Ed. Colibri: Lisboa, 2003

Obras Consultadas

BENJAMIM, Walter. *O narrador* (1936). In: Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LEITE, Ana Malfada. "Cenografias Pós-Coloniais nas Literaturas Africanas". In: *Revista Ecos*. Cáceres, n.5, p. 11-17, 2007.

MANNUSSE, José Camilo. "Revista Itinerário e a recepção da estética presencista e neo-realista em Moçambique". In: *Revista Ecos*. Cáceres, n.4, p.26-32, 2006.

ANEXOS

Os mastros do Paralém

*Só um mundo novo nós queremos: o que
tenha tudo de novo e nada de mundo.*

A chuva é carcereira, fechando a gente. Prisioneiros da chuva estavam Constante Bene e seus todos filhos, encerrados na cabana. Nunca tamanha água fora vista: a paisagem pingava há dezassete dias. Mal ensinada a nadar, a água magoava a terra. Sobre as telhas de zinco, se acotovelavam grossas gotas, grávidas de céu. Na encosta do monte, só as árvores teimavam, sem nunca se interromperem.

Sentado num canto da velha cabana, Constante Bene pesava o tamanho do tempo. Desde os princípios, era guarda na propriedade do colono, o xika-ka Tavares. Morava entre laranjeiras, num lugar quase-quase fugido da terra. Ali, no cimo da montanha, o chão se comportava, direito e bom.

— *Aqui só as laranjas é que tem sede.*

Sede de pássaros, melhor diria Constante. Mas ele simplificava a vida. A seus dois filhos, Chiquinha e João Respectivo, ensinava os infinitos modos do sossego. Os meninos dele recebiam cuidados, muito órfãos que eram. Eles, sós, tratavam os assuntos da casa.

Chiquinha superava a idade, corpo adiantado. Já

os peitos protestavam contra o aperto da blusa. O pai olhava com custo o seu crescer. Quanto mais ela se parecia mais a tristeza de Constante se afiava na lembrança da falecida.

O outro filho, João Respectivo, se mantinha pequeno, alheio ao tempo. Todos estranhavam seu nome. Respectivo? Mas aquele nome aconteceu-se, sem ordem da vontade. Levara o menino à vila para lhe dar registo. Na repartição se apresentou de intenção civilizada:

— *Quero registar essa criança.*

E o funcionário, em vagarosa competência:

— *Trouxe o respectivo?*

— *Não senhor. Só trouxe o meu filho.*

— *É isso mesmo, o seu respectivo filho.*

Pensou Constante Bene que outro nome estava a ser acrescentado à criança. E assim ficou de ser chamado o menino, nascido da morte de sua mãe. No curso do tempo, ele foi entrando no mundo guiado por uma só mão, na metade desigual de ser órfão.

O guarda olhava as cimeiras partes do mundo, os ombros da terra, imóveis como os séculos. No enquanto, ele pensava: o mundo é grande, mais completo que coisa cheia. O homem se credita muito enorme, quase tocando os céus. Mas onde ele chega é só por empréstimo de tamanho, sua altura se fazendo por dívida com a altitude.

Porque não se conformam as gentes, tais quais? Porque se afrontam na arrogância de sempre vencer? Constante Bene temia as sanções do mais querer. Por isso, ele proibia os filhos de espreitarem para lá da montanha.

— *Nunca, sequer.*

Estava o dito pelo interdito. Falava-se muita lenda da outra encosta do monte. Parece nessoutro lugar nunca os colonos haviam pisado. Quem sabe lá a terra restava com suas cores indígenas, seu perfume de outoras? Quem sabe aquelas paragens fossem propensas apenas à felicidade?

Esse lugar: Bene chamava-lhe o Paralém. Muitas vezes, no cansaço da noite, rondavam pela cabana seus secretos chamamentos. O guarda soltava seus sonhos, tais que ele nem a si mesmo confiava o relato.

Uma madrugada, ele se valentou, saindo rumo às escarpas. Subiu os penedios, chegou ao cume. Sentiu o remorso, ele se transgredia. Se desculpou:

— *Hoje é hoje.*

Então, espreitou para a vertente proibida. Um cacimbo almofadava o luar, se espalhava como claridade que embrulha a nudez de uma mulher. A neblina era tanta que a terra devia dispensar a chuva. Deixou-se ficar ali, sentado. Até que um mocho lhe trouxe o aviso. Aquela beleza era como o fogo: longe não se via, perto queimava! E voltou à cabana.

Agora, no dezassétimo dia das chuvas, Bene sentia o suspiro da tarde. A luz estava já cansada de subir quando as folhagens espiaram o sinal. O cacimbo do velho ficou suspenso, vagou-se o instante.

Foi quando viram o mulato. Era um vindo do longe, da ultraterra. Caminhava embrulhado no rosto, todo em baixo da chuva. Trazia um saco sobreposto nas costas. Passou pela cabana, alheio à curiosidade dos três. João Respectivo foi ao caminho e espreitou. Confirmou o mulato escalando as alturas, desaparecendo entre as rochas mais subidas.

Ela acenou com a cabeça. Seguiu-se uma vagarosa espera. Bene soprou a chama, convidando o escuro. Invisíveis, os dois se fitavam melhor. O pai, então, perguntou:

— *Alguma coisa ele falou?*

— *Sim, falou.*

— *Afinal? E esse misto disse o quê?*

Chiquinha permaneceu como se nada tivesse ouvido. O pai aguardando na esquina da curiosidade. Mas um homem velho, por respeito devido, não pode demorar de ser respondido.

— *Ouçá, filha: não ouviste que te perguntei?*

— *É que nem me lembro o que esse homem falou.*

O pai calou-se. Deu um balanço na cadeira, ajudando-se a levantar. Fechava a janela quando, de novo, inquiriu:

— *Chegaste de saber se existem outros lugares, lá no mundo?*

— *Parece que existem.*

O velho abanou os ombros, desacreditando. Deu uma volta na sala, tropeçando em barulhos. A filha quis saber por que razão ele não acendia a lamparina.

— *Para mim já chegou a noite.*

Chiquinha ajeitou a capulana no arco dos ombros. Depois, sentou-se, só sendo. Adormeceram. Mas fizeram-no de alma descoberta, o que convida os maus sonhos.

Naquele pesadelo, o guarda se sentiu derradeiro. Assim ele viu: o mulato era um mussodja ⁽¹⁾ e

⁽¹⁾ Mussodja — soldado, guerrilheiro (termo formado da palavra inglesa *soldier*).

caminhava, por entre o pomar, com sua farda guerrilheira. Mas, de espanto: ele tocava as laranjas e elas se acendiam, em chamas redondas. O laranjal parecia era uma plantação de xipefos. Sobre o barulhar das folhagens, se escutavam cantos:

Iripo, iripo
Ngondo iripo ⁽¹⁾

De repente, eis: o Tavares. Furioso, canhangulo ⁽²⁾ nas mãos. Disparava contra onde? Contra o chão, contra as árvores, contra a montanha. O colono gritou-lhe:

— *E você, Constante, é guarda de quê? Apanha essas laranjas, antes que arda tudo.*

Constante hesitou. Mas o cano da espingarda, virado em seu peito, lhe fez obeditoso. Árvore ante árvore, ele foi colhendo ardências até seus dedos virarem uma dezena de chamas. O velho acordou aos berros. Queimavam-lhe as mãos. A filha encharcou-lhe os braços de generosa água. Aliviado, ele ocupou a cadeira, preparando-se para acender o cachimbo.

— *Não, pai. Não mexe mais no fogo, deixa que eu acendo.*

— *Minha filha, agora te peço uma ordem: não sobe o monte, nunca mais.*

Chiquinha prometeu, mas de falsa convicção. Porque, desde esse dia, ela prosseguiu as demoras. O pai nada comentava: sofria sozinho as dores do presságio.

⁽¹⁾ Iripo, iripo/Ngondo iripo — canção da luta de libertação nacional, anunciando a chegada dos guerrilheiros.

⁽²⁾ Canhangulo — espingarda antiga, de «carregar pela boca».

Certa vez, em esperado imprevisto, Chiquinha se apresentou muito de pé, mãos cruzadas sobre o ventre.

— *Estou de grávida, pai.*

Constante Bene sentiu a alma tombar nos pés. Chiquinha, ainda tão filha, como podia já ser mãe? Que justiça é essa, meu Santo Deus, como é uma menina-órfã pode ser mãe de criança sem o devido pai? Era urgente encontrar aquele progenitor sem aspecto.

— *Foi ele?*

— *Juro, pai. Não foi esse.*

— *Então, quem é o dono da grávida?*

— *Não posso dizer.*

— *Olha, filha: é melhor falar. Quem te subtiu?*

— *Pai, me deixa assim.*

A menina sentou-se para melhor chorar. Constante pensou em bater, arrancar a verdade. Mas do corpo de Chiquinha se foi aumentando a lembrança da falecida mãe e seu braço deixou-se, vencido. O velho regressou ao quarto, acendeu o cachimbo e, pela janela, fumou a inteira paisagem.

Os meses foram passando com muita largura. A barriga de Chiquinha luava, de desenho cheio. Em Junho se deu o parto, assistido pelas velhas mulheres das redondezas. Constante não estava, na ocasião. Saíra em suas rondas pela machamba. Quando voltou à cabana, já as parteiras preparavam a refeição. Primeiro, ele sentiu o fumo do cheiro. Depois, o choro de um bebê. Sorriu, lembrando o ditado: onde vires o fumo, aí estão os homens; onde choram os bebês, aí estão as mulheres. Agora, se confusionavam os ditos. Parou à entrada, de

coração salteando. Um choro naquele lugar! Só podia ser! Queria saber de Chiquinha, lhe apetecia entrar correndo. Mas havia muito orgulho impedindo-lhe de ser avô.

— *Esse bebê nasceu demais* — confessou dentro da sua voz.

Entrou. Espreitou ruídos e sombras. Todas se calaram, tensas. Mais que as outras, se suspendeu Chiquinha com o embrulho da vida em seus braços.

O pai arrumou-se em seu canto, distante. João Respectivo foi quem estreou palavras:

— *Pai, já viu que nasceu? Um menino tão muito gordo.*

Os olhos de Chiquinha ansiavam resposta do pai. Ela fez um gesto quase arrependido de mostrar a criança mas corrigiu-se. As mulheres foram saindo. No lugar, agora se cabia pouco.

Passaram dias cheios de tempo sem que Constante se aceitasse avô. A menina muitas vezes se demorava perto do pai, susperando a bênção. Surdinava canções de embalar, as mesmas que aprendera dele. Cantava mais para embalo do pai que da criança. Mas Constante Bene se esquivava, turvando-se aos olhares da filha.

Uma noite, quando todos já dormiam, uma luz trememente atravessou o quarto. Foi-se chegando à cama de Chiquinha e ali permaneceu, farolitando. Tocada pela claridade, Chica despertou e viu seu pai com o candeeiro na mão. Constante desculpou-se:

— *Essa sua criança estava a chorar. Vim ver.*

Chiquinha sorriu: mentira dele. Se o bebê tivesse chorado, ela teria ouvido, primeira que todos. João, mais tarde, confirmou: o velho vinha todas

noites, através do escuro, espreitar o berço. Chica nem cabia em si. Abraçou seu pequeno filho em suavíssima felicidade.

No dia seguinte, manhã já elevada, o guarda matabichava. Mastigava sobras da noite, estalando a língua entre os dentes.

— *Ouçã lâ, ó Chica: esse seu filho não é muitíssimo claro?*

— *Os bebês são assim, pai. Só depois ficam escuros. Não lembra o João?*

— *Isso é no princípio, antes de chegar a raça. Mas esse aí: já passaram tantos dias, é tempo de ficar da cor.*

Chiquinha encolheu os ombros, não sabendo. Descascou uma batata-doce e soprou nos dedos, sobrequentes. O seu filho, agora, já era neto. Dali para a frente, não seria ela sozinha a segurar na vida do menino.

Assim se iniciou um novo sentimento na cabana. Mesmo o Bene parecia mais novo, cantarolando, trauteceirão. Chiquinha premiava o pai com refeições mais demoradas de paladar. Joãozinho se entregava a infantarias, correndo os atalhos dos bichos.

Constante não o requeria, respeitando suas meninices. Antes ele brincava com o filho do patrão. Os miúdos, no arco dos risos, desconheciam a fronteira de suas raças. Bene se agradava, vendo assim Respectivinho recebendo cuidados de empréstimo.

— *Ao menos, ele lá ganha comida.*

Desde a chegada do mulato, contudo, o menino se desviara para mais altas paragens.

Certa vez, preocupado pela tardeza do filho, Bene saiu pelo monte, rumou as solidões por onde João se venturava. Junto ao poço, ele chamou pelo filho. Mas quem saiu dos arbustados foi Laura, a mulher do lenhador. Ela, lata de água à cabeça, como não sentisse o peso. No embalo dos ombros, alguma aguinha tombava, molhando as costas, os braços, os seios.

— *Constante, você é guarda, devia olhar a sua vida.*

— *E porquê, só por causa sou viúvo?*

Bene pensava que Laura lhe queria desamarrar a viuvez. Olhou a mulher com muitos olhos, adivinhando-lhe o corpo debaixo da capulana. Tentou conversa doce. Mas ela desviou as falas:

— *Não sabe todos dizem sobre da sua filha, maneira como ela apanhou grávida?*

Ela repetiu-lhe as dicências: a menina fora vista, ninguém não sabe por quem, junto às alturas. E o incontável: um homem lhe forcara, cambalhotando nela. Constante roeu pragas, sua voz se esfriou:

— *Esse homem era preto?*

— *Não, dizem não era.*

— *Já sei quem é esse satanhoca ⁽¹⁾. Aliás, sempre eu já sabia.*

Sem despedir, retomou o caminho de regresso. Não entrou em casa. De um caixote do quintal tirou uma catana. Passou-a pelos dedos, num pensamento de lâmina.

Depois, sem pressa, subiu a montanha. Nos cumes, procurou o mulato. Encontrou-lhe debruçado

(1) Satanhoca — sacana, impostor.

na fogueira, reparando uma avaria do fogo. Constante não escondeu intenção, arma pendurada, às vistas.

— *Venho te matar.*

O intruso não mostrou susto. Só os olhos, de bicho emboscado, procuraram saída. Sua garganta escassa:

— *Foi o teu patrão que te mandou?*

Constante desconheceu a pergunta. Por certo, o outro lhe queria distrair. Hesitou, vacilento. Vingador sem carreira, pedia ajuda ao ódio. Rezou para dentro: meu Deus, como eu nem sei matar! Só um instante, Te peço, dá-me a certeza nesta minha mão.

— *Por que me odeias tanto?*

De novo, o outro lhe desviava os intentos; o guarda indagou:

— *Diz-me: vens de lá, do Paralém?*

— *De onde?*

— *De lá, do outro lado do monte?*

— *Sim, venho.*

— *E lá se levantou já a nova bandeira?*

O intruso sorriu, quase em condolentidão. Bandeira? Era isso que lhe interessava, saber de um pano, suas cores?

— *Respondes assim porque és mulato. E os mulatos não têm bandeira.*

O outro riu, desdenhoso. Aquele riso, pensou Bene, era o sinal de Deus. A catana rebrilhou nos ares, zun-zun-zun, cravou-se no corpo do estranho. Gementio, ele caiu-lhe por cima. Agarrou-se, liana desesperada. Dançaram os dois, pisando a fogueira. Nem Bene sentia como seus pés nus se encha-meavam. Mais um golpe e o intruso enroscou-se no chão, em estado de pangolim.

O guarda acocorou-se ao lado da vítima e, com

as mãos, avaliou a sua morte. Sentiu o sangue engomar-lhe o gesto. Parecia os dedos, viscosos, lhe apontavam culpas. Sentou-se no chão, cansado. De onde vinha tantíssima fadiga? De matar? Não. Aquele fundo desalento lhe vinha dos pés, brasados na fogueira. Só agora lhes sentia, as chagas.

Tentou erguer-se: conseguiu. Os passos mal podiam tocar o chão. Fixou as luzinhas, lá no vale. Aquela era uma inviável distância, um impossível regresso.

Arrastou-se até ao sacudu ⁽¹⁾ do mulato. Tirou um cantil e bebeu. Depois, vazou a mochila: caíram papéis sob a luz da fogueira. Pegou em folhas soltas, vagarinho, decifrou as letras. Estavam escritos sonhos lindos, promessas de um tempo fortunado. Escola, hospital, casa: tudo, de abundância, para todos. Seu peito se apressava, amotinado. Voltou a sacudir a mochila. Tinha que estar, fosse amarrotada num canto, havia de constar.

Foi então que, como onda de prata, a bandeira tombou do saco. Parecia imensa, maior que universo. Bene se deslumbrava, nem ele se cria um dia chegar a tal visão.

Lembrou, entretanto, as penas daquele tempo: o mastro da administração. Ali sua lembrança se joelhava, o chamboco ⁽²⁾ do cipaio, «passa sem fazer poeira, seu merdas, não suja a bandeira». E ele, de pés rasteiros, carregando seus filhos, sem levantar passo. O patrão, no passeio, simulava seguir outras atenções. Pode a pessoa assim tanto se desalmar?

⁽¹⁾ Sacudu — mochila; o termo foi trazido pelos guerrilheiros da Frelimo que foram treinados na Argélia, a partir da palavra *sac-au-dos*.

⁽²⁾ Chamboco — matraca.

— *Esse nem é seu dialecto.*

Tavares riu-se, preferindo o desprezo. Concedeu as despedidas. Antes de fechar a porta, porém, se dirigiu a Chiquinha.

— *Nós ficamo-nos assim, ouviste?*

E foi-se. Nenhuma palavra coloriu aquele espaço. Constante consultava a janela, recebia os mudos recados da paisagem. Parecia que era o cachimbo que lhe fumava a ele. Ao cabo de muito silêncio, o guarda chamou o filho.

— *Você sabe onde fica esse mulato. Vai lá dizer que eu estou a chamar, preciso ele venha aqui.*

Mas é tão noite, arrepiou-se Chiquinha. Ele acarinhou o cabelo da menina, atendendo-lhe a aflição.

— *Tu vai com João. Dão mensagem ao mulato, depois vão para o monte, me esperam lá nas pedras.*

— *Vamos no Paralém?*

Chiquinha se arregalava, excitada. O pai sorriu, complacente:

— *Vai, acompanha seu irmão. E tapa o meu neto com esta manta. Me esperem lá, eu hei-de ir.*

Os meninos se portaram com obediência. Aprontaram um cesto, provisórias provisões.

— *Tu, João: deixa ficar esse sacudu do misto.*

Os dois filhos saíram, carreirando por capins. Evitavam os cacimbos que, reza a lenda, fazem minuar as pernas. Um mocho piou, incriminando o porvir. No escuro, o mundo perdia ângulos e arestas. Chiquinha seguia por mão de seu irmão. Respectivinho lhe pareceu, no instante, promovido à idade. Ele já havia cumprido o mando do pai, recadoando o mestiço.

Chegaram aos penedos, sentaram. Chiquinha apertava o bebê, em materna compustura. Ela falou:

— *Vocês não gostam o Tavares, eu sei. Mas ele, em si, é de bom coração.*

Respectivo não percebeu. Então, o xikaka lhe manchara, somando abusos. Que merecia esse branco senão os ferros da vingança?

— *Cala-se, João. Você nem sabe como que aconteceu.*

Chiquinha se levantou, recortando-se no luar. Aos olhos do irmão, ela surgia como nuvem em contra-lua. Chiquinha desceu a voz:

— *Tavares nem merece castigo. Foi eu lhe provoqui.*

O irmão não queria ouvir mais. Ela queria explicar, ele não deixava. A montanha se estremunhava na dupla berraria. A raiva de Chiquinha se sobreimpôs:

— *Eu lhe queria dar um pai. Um alguém para tirar-nos desta miséria.*

Foi quando ouviram as medonhas crepitâncias. Olharam o vale, parecia um fogo suspenso, chamus voantes que nem necessitavam de terra para acontecer. Só depois, eles entenderam: o completo pomar ardia.

Então, sobre o horizonte todo vermelho, os dois irmãos viram, no mastro da administração, se erguer uma bandeira. Flor da plantação de fogo, o pano fugia da sua própria imagem. Pensando ser do fumo, os meninos enxugaram os olhos. Mas a bandeira se confirmava, em prodígio de estrela, mostrando que o destino de um sol é nunca ser olhado.